

BOAS ADMINISTRAÇÕES ELEGEM CANDIDATOS? UMA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DOS ELEITORES EM SETE CAPITAIS BRASILEIRAS NAS ELEIÇÕES DE 2008

Adriano Oliveira
Roberto Santos

Resumo

Prefeitos bem avaliados são reeleitos ou elegem os seus sucessores? Este artigo tem o objetivo inicial de testar a hipótese, considerando as eleições municipais ocorridas no Brasil no ano de 2008, apresentada por Almeida (2008), qual seja: bons governos são reeleitos ou elegem os seus sucessores. Neste sentido, este artigo traz à tona os resultados eleitorais de sete capitais brasileiras no ano de 2008. Inicialmente, verifica-se, quantitativamente, se existe associação entre boa avaliação da administração municipal e sucesso eleitoral. Deste modo, consideramos boa administração como variável causal que explica a vitória de um candidato. Contudo, ao analisarmos os resultados eleitorais das sete capitais, outras variáveis surgem para explicar a vitória de candidatos em pleitos eleitorais. Isto significa que a variável boa administração quando considerada solitariamente não é suficiente para explicar a conquista de poder por parte de um candidato. Através de pesquisas qualitativas e quantitativas, e desenvolvendo uma análise apurada da eleição da cidade do Recife em 2008, este artigo conclui que a variável boa administração condiciona o sucesso eleitoral de um candidato. E que outras variáveis também importam para explicar a vitória eleitoral do candidato.

Palavras-chave: Boa Administração; Eleições; Escolha do Eleitor; Institucionalismo Histórico; Trajetória Eleitoral.

Abstract

Are well evaluated mayors reelected or elect their peers? This article aims at testing the following hypothesis considering the Brazilian 2008 elections, presented by Almeida (2008): is a good government reelected or elects its supporters? The article presents the results of seven Brazilian capitals in 2008. At first I verify if there is a relationship between a well evaluated mayor administration and election success. I consider good administration as the causal variable that explains the victory of the candidate. However, when we analyze the election results from the seven capitals, other variable come up to explain the victory of the candidates in the elections. This means that the variable good administration when considered alone is not enough to explain the success of a political candidate. Using qualitative and quantitative research and developing a detailed analysis of election in Recife in 2008, this article concludes that the good administration variable affects the electoral success of a candidate. And that other variables also matter to explain the electoral victory of the candidate.

Key-words: Good Administration; Elections; Voter Choice; Historical Institutionalism; Electoral Path.

Introdução

Almeida (2008, p. 36) afirma – considerando os resultados das eleições municipais de 2000 em 19 cidades – que prefeitos com administrações bem avaliadas têm mais chances de se reeleger ou de fazer seu sucessor. Para o autor, trata-se de uma lógica: no caso, o eleitor não quer risco. Em razão disso, “quando um eleitor considera que o governo é bom ou ótimo, ele tem maior preferência para votar no candidato do governo ou naquele que disputa a reeleição” (ALMEIDA, 2008, p. 35).

Este artigo tem como objetivo verificar se a lógica apontada por Almeida encontra respaldo em variadas eleições. Após o pleito de 2000, outras eleições municipais ocorreram. Desse modo, é plausível/importante verificar se a lógica apresentada por Almeida (2008) encontra comprovações empíricas em outras eleições municipais. Sendo assim, este artigo pretende, inicialmente, atualizar a lógica mostrada.

Almeida (2008) considerou os resultados eleitorais de diversas cidades – municípios e capitais. Este trabalho avalia os resultados eleitorais de sete capitais. Se a lógica de Almeida (2008) for verdadeira, independentemente do universo de cidades pesquisadas (municípios ou capitais) e da variável tempo, o analista político, ao examinar os próximos pleitos eleitorais, certamente considerará administrações bem avaliadas como variável que importa na construção de cenários/previsões eleitorais¹.

No entanto, supomos que a variável administrações bem avaliadas, quando considerada solitariamente, não explica satisfatoriamente a eleição ou a reeleição de um candidato. Nesse sentido, este artigo sugere que outras variáveis importam, por exemplo, fraqueza dos oponentes.

¹ Um cenário eleitoral representa uma hipótese/prognóstico. Pode ocorrer ou não. Considerando os atores envolvidos na disputa eleitoral, o analista, por meio de diversas informações, sugere quais candidatos estarão no segundo turno, por exemplo. No caso, estamos diante de um prognóstico eleitoral. Desse modo, um cenário eleitoral é um prognóstico eleitoral ou uma hipótese quanto a o que poderá ocorrer.

Essas variáveis são propostas com base nas razões que motivam o eleitor a votar em determinado candidato (FIGUEIREDO, 1991)²; e no fato de que consideramos que uma eleição é um evento eleitoral que precisa ser compreendido como um processo histórico/social. Em razão disso, o institucionalismo histórico contribui para dar sustentação teórica às hipóteses propostas (PETERS, 2003)³.

Desse modo, inicialmente, testamos a hipótese sugerida por Almeida (2008). Em seguida, ao analisar diversos pleitos eleitorais, sugerimos outras hipóteses⁴. Na parte final deste artigo, por meio do uso de dados qualitativos, buscamos comprovar as hipóteses propostas.

Os objetivos deste artigo são contemplados mediante a análise de pesquisas quantitativas e qualitativas⁵. As pesquisas quantitativas são advindas dos Institutos Datafolha (São Paulo, Brasil) e Maurício de Nassau (Pernambuco, Brasil). Através das pesquisas quantitativas, mostramos se os prefeitos de sete capitais foram reeleitos em 2008, ou elegeram seus sucessores.

Em um primeiro momento, verifica-se qual é a nota que o prefeito obtém entre os eleitores – ranking dos prefeitos. Em seguida, averiguamos os índices de bom ou ótimo obtidos pelos administradores municipais. Com base nesses dois indicadores, verificamos se os prefeitos foram reeleitos ou elegeram seus sucessores. No caso, testamos a hipótese proposta por Almeida (2008).

No decorrer da primeira parte do texto, realizamos a análise de eventos eleitorais. Nessa parte, com base em Figueiredo (1991) e Peters (2003), sugerimos que outras variáveis devem ser consideradas na

² Heckelman (1997), Carraro et al. (2009) e Marques (2009) são recentes estudos empíricos que abordam a decisão do eleitor. No caso, o que motiva o eleitor a votar?

³ O institucionalismo histórico traz para sua análise a perspectiva histórica, cultural e racional (HALL e TAYLOR, 2003, p. 199). Por considerarmos que uma eleição chega ao seu término após um processo, utilizaremos o institucionalismo histórico como referencial teórico em parte das análises desenvolvidas neste artigo.

⁴ Nesta parte analisamos de modo sucinto a eleição municipal de Belo Horizonte – Minas Gerais.

⁵ Para Flick (2007), é possível o uso de dados qualitativos e quantitativos na explicação de fenômenos sociais. Não existe incompatibilidade entre ambos. Um complementa o outro quando usados de modo adequado.

explicação das causas que motivam a vitória de determinado candidato em um pleito eleitoral.

Realizamos, na segunda parte deste artigo, uma densa análise da campanha eleitoral do atual prefeito do Recife, João da Costa (PT⁶). Nessa análise, utilizamos pesquisas qualitativas e quantitativas, as quais foram realizadas em 2008, para comprovar/mostrar que a variável proposta por Almeida (2008) importa, assim como as outras variáveis sugeridas⁷.

Este artigo conclui que a lógica de Almeida (2008) é factível e perdura. E que a variável boa administração (variável A) deve ser reconhecida como condicional⁸ – isto é: boa administração condiciona a preferência do eleitor⁹. Por ela ser condicional, outras variáveis importam para explicar os resultados de pleitos eleitorais.

Boas administrações elegem candidatos?

Em setembro de 2008, o Instituto Datafolha divulgou o ranking dos prefeitos em sete capitais do Brasil. Esse ranking irá servir como base inicial para respondermos ao principal problema deste artigo: boas administrações elegem candidatos?

Conforme o Quadro 1, o prefeito de Curitiba obtém nota 8,0 – ele está em primeiro lugar no ranking dos prefeitos. Em segundo lugar, está o então prefeito de Belo Horizonte, Fernando Pimentel – nota 7,6. Com nota média 7,3, o então prefeito do Recife, João Paulo. Em seguida ao prefeito do Recife à época, está a prefeita de Fortaleza, Luzianne Lins – nota média de 6,4.

⁶ Partido dos Trabalhadores.

⁷ Nesta análise utilizamos dados qualitativos e uma série de pesquisas quantitativas.

⁸ Uma variável condicional é aquela que condiciona a existência de um dado evento ou de outras variáveis (VAN EVERA, 1997). Por exemplo: A “boa administração” do prefeito X condicionou a “fraqueza dos seus oponentes”. Em razão disso, X venceu o pleito eleitoral.

⁹ “[...] quando um eleitor considera que o governo é bom ou ótimo, ele tem maior preferência para votar no candidato do governo ou naquele que disputa a reeleição” (ALMEIDA, 2008, p. 35). O que condiciona a preferência do eleitor? A administração bem avaliada.

DOSSIÊ PARTIDOS, ELEIÇÕES E PARTICIPAÇÃO

Quadro 1 – Ranking dos prefeitos de sete capitais brasileiras em 2008

Capital	Prefeito	Nota média 0 a 10	Ótimo/ bom	Ruim/ péssimo	Situação pré- eleitoral	Situação pós- eleitoral
Curitiba	Beto Richa (PSDB) ⁽¹⁾	8	85	4	Candidato à reeleição	Reeleito no 1.º turno
Belo Horizonte	Fernando Pimentel (PT)	7,6	75	5	Apoiou o candidato Márcio Lacerda (PSB)	Márcio Lacerda venceu no 2.º turno
Recife	João Paulo (PT)	7,3	64	12	Apoiou o candidato João da Costa (PT)	João da Costa venceu no 1.º turno
Fortaleza	Luzianne Lins (PT)	6,4	49	16	Candidata à reeleição	Reeleita no 1.º turno
Porto Alegre	José Fogaça (PMDB) ⁽²⁾	5,9	47	19	Candidato à reeleição	Reeleito no 2.º turno
Salvador	João Henrique Carneiro (PDT) ⁽³⁾	5,2	29	29	Candidato à reeleição	Reeleito no 2.º turno
Rio de Janeiro	Cesar Maia (DEM) ⁽⁴⁾	4,5	26	40	Apoiou a candidata Solange Amaral (DEM)	Solange Amaral perdeu no 1.º turno

Fonte: FOLHA DE SÃO PAULO (2008). (1) Partido da Social Democracia Brasileira. (2) Partido do Movimento Democrático Brasileiro. (3) Partido Democrata Trabalhista. (4) Democratas.

Três gestores públicos apontados acima obtiveram avaliações acima de 60% quando consideramos conjuntamente os itens bom e ótimo. Beto Richa, 85%. Fernando Pimentel, 75%. João Paulo, 64%. A exceção foi Luzianne Lins apesar de ter obtido uma nota similar à do prefeito João Paulo. O índice de aprovação de Luzianne Lins era de 49%. Todos esses atores políticos, como mostra o Quadro 1, foram eleitos no primeiro turno ou elegeram seus sucessores.

Considerando o critério de Almeida (2008, p. 36) para avaliar as chances de vitória de um candidato, afirmamos que boas administrações são aquelas que apresentam percentual de bom e ótimo igual ou acima

de 50%¹⁰. Desse modo, a hipótese de Almeida – “boas administrações elegem candidatos” – é comprovada quando consideramos as eleições em Curitiba, Recife e Belo Horizonte.

Desconsideramos, momentaneamente, Fernando Pimentel. Ele está em segundo lugar no ranking dos prefeitos. Porém, seu candidato a prefeito de Belo Horizonte foi eleito no segundo turno. Os demais não.

Beto Richa, prefeito de Curitiba, foi eleito no primeiro turno – 77,27% dos votos válidos. O candidato de João Paulo, João da Costa, venceu a eleição do Recife no primeiro turno com 51,54% dos votos válidos. Diante desse contexto, indagamos: o que motiva a maioria do eleitorado a eleger prefeitos no primeiro turno diante de uma administração bem avaliada?

A resposta a essa indagação está, inicialmente, na afirmação de Almeida (2008), isto é: boas administrações elegem candidatos. Contudo, existe um porém. Nem sempre boas administrações elegem candidatos no primeiro turno. Esse é o caso de Belo Horizonte. Fernando Pimentel e o governador de Minas Gerais, Aécio Neves (PSDB), desde o primeiro momento, apoiaram o então candidato a prefeito, Márcio Lacerda (PSB – Partido Socialista Brasileiro). Porém, o candidato do PSB venceu a eleição no segundo turno.

Observamos que o apoio de Fernando Pimentel contribuiu para o crescimento de Márcio Lacerda. Em 27 de julho de 2008, Márcio Lacerda, em pesquisa do Instituto Datafolha, tinha 6% de intenção de voto. Em 22 de agosto de 2008, Lacerda apresenta crescimento considerável e obtém 21% de intenção de voto. Em 6 de setembro de 2008, o candidato de Fernando Pimentel e Aécio Neves chega a 42% de intenção de voto. A cinco dias da eleição (30 de setembro), Márcio Lacerda alcança 45% de intenção de voto.

Em pesquisa na véspera da eleição, o Datafolha informa que não é possível afirmar se haverá ou não segundo turno em razão do crescimento do candidato Leonardo Quintão (PMDB) – Márcio Lacerda 48% e Leonardo Quintão 35% (DATAFOLHA, 2008). No primeiro turno,

¹⁰ “[...] pode-se dizer que os candidatos do governo tendem a vencer quando a soma de “ótimo” e “bom” está acima de 50%” (ALMEIDA, 2008, p. 36).

Lacerda obteve 43,59% dos votos válidos contra 41,26% de Leonardo Quintão¹¹.

No segundo turno, Márcio Lacerda inicia a disputa atrás de Leonardo Quintão – em 17 de outubro de 2008, Quintão obtém 47% de intenção de votos. Lacerda alcança 37%. Contudo, assim como ocorreu no primeiro turno, Márcio Lacerda cresce e alcança 59% dos votos válidos em 25 de outubro. Lacerda vence a eleição com 59,12% dos votos válidos. Quintão obtém 40,88% dos votos válidos.

Apesar de a administração de Fernando Pimentel ser bem avaliada, ele não conseguiu eleger seu candidato no primeiro turno. Além disso, a eleição, conforme os números apresentados, foi disputada. Esse fato nos revela que a variável boas administrações importa. Contudo, existem outros fatores que interferem na disputa eleitoral, o que contribui para que a variável boas administrações não seja exclusiva na explicação de dado evento eleitoral.

Portanto, boas administrações importam, mas outras variáveis precisam ser consideradas quando um candidato vence o pleito eleitoral.

Essas variáveis estão circunscritas ao contexto social e político. Para Figueiredo (1991), deve-se avaliar a decisão do eleitor à luz da escolha racional. No caso, o eleitor escolhe considerando os benefícios que serão advindos da sua escolha. Sendo assim, o eleitor vota no candidato X em razão de que a administração do candidato Y, a qual lhe traz benefício ou trouxe, irá continuar. Ou vota no candidato Y pela mesma razão. Esse raciocínio explica a plausibilidade da variável administrações bem avaliadas. Contudo, por que candidatos, tendo como lastro uma administração bem avaliada, vencem a eleição em primeiro turno e outros não? Analisando especificamente o caso de Belo Horizonte, propomos quatro variáveis explicativas:

1. desconfiança do eleitor em relação ao candidato apoiado pelo prefeito bem avaliado. Nesse caso, o eleitor não acredita que esse candidato continuará a lhe trazer benefícios;

¹¹ Votos brancos menos votos nulos do total de votos representam os votos válidos.

2. fragilidade do candidato – considerando diversos aspectos, como imagem, história política, identificação com o prefeito bem avaliado;
3. força dos candidatos oponentes;
4. alguma necessidade/desejo do eleitor que não foi atendida pela administração atual, mas que é proposta pelo oponente.

Essas hipóteses encontram respaldo teórico na argumentação de Figueiredo (1991, p. 12)¹². De acordo com esse autor, o estudo do comportamento eleitoral considera os aspectos psicológicos, sociológicos, racional e demográfico-descritivo quando aborda as escolhas dos eleitores¹³. Figueiredo procura responder, ao considerar esses aspectos, à seguinte pergunta: por que os eleitores dão seu voto para este ou aquele candidato?

No nosso caso, consideramos que o eleitor pode desconfiar de um candidato, não se identificar com ele ou descobrir que uma necessidade sua, a qual não foi atendida em um dado instante, poderá ser contemplada por outro ator político em outro momento. Nesse sentido, aspectos psicológicos, sociológicos e racionais orientam a escolha do eleitor.

Os indivíduos formam atitudes políticas. Estas integram a estrutura de personalidade dos indivíduos e fazem parte da psicologia humana. Ao se consolidarem pela socialização política, “tornam-se a base para a formação de opiniões, auto-avaliações e propensões para a ação [...]” (FIGUEIREDO, 1991, p. 21).

Os indivíduos se identificam com outros indivíduos, e em razão disso fazem escolhas. A identificação pode ser expressa na convergência de interesses e de aspectos culturais, regionais e étnicos (FIGUEIREDO, 1991, p. 55). Nesse caso, para a explicação sociológica, o indivíduo faz sua escolha considerando sua identificação com o outro – os valores dos indivíduos e o contexto social devem ser considerados (PETERS, 2003).

¹² Cf. também Quadro 2.

¹³ Neste trabalho, não nos interessa o aspecto demográfico-descritivo.

O indivíduo racional está à procura de benefícios. O eleitor racional calcula os custos e os benefícios no instante de escolher um candidato. O candidato que lhe ofertar mais benefícios será o escolhido pelo eleitor. Desse modo, o eleitor racional vê o voto como uma escolha entre duas políticas: a que está em vigor e uma outra, alternativa. O critério de decisão do eleitor está no grau de satisfação que ele obtém do desempenho dos governantes (FIGUEIREDO, 1991, p. 77).

A dinâmica da campanha eleitoral deve ser vista como um percurso histórico. Ou um processo social. Consideramos esses termos semelhantes. O candidato apresenta sua imagem – as características, o passado, visão de futuro, qualidades, seus apoios e suas propostas para o eleitor¹⁴.

A imagem, construída ou já existente, poderá encontrar respaldo ou não no eleitorado – isso está a depender da estratégia de comunicação adotada, por exemplo¹⁵. Os apoios servem de reforço para a imagem do candidato e para gerar uma expectativa no eleitorado; e as propostas, assim como a imagem, podem ou não ser aceitas pelo eleitorado (ALMEIDA, 2008; FIGUEIREDO, 2008).

No final do percurso histórico – ou seja, o dia da eleição – verificar-se-á se as ações dos candidatos, nos diversos âmbitos, conquistaram o eleitorado. Desse modo, a variável administrações bem avaliadas é importante. Contudo, consideramos que outras variáveis importam, quais sejam: a imagem do candidato (fragilidade do candidato ou desconfiança do eleitor quanto a ele), os oponentes e desejos do eleitor não atendidos pela administração atual.

Nesse sentido, consideramos que o atual prefeito de Belo Horizonte não venceu a eleição no primeiro turno, mesmo com o apoio de uma administração bem avaliada, em razão das variáveis apresentadas. Isto é: parte do eleitorado pode ter questionado a

¹⁴ Construímos esse raciocínio tendo como referencial teórico o institucionalismo histórico. Segundo Peters (2003, p. 117), os institucionalistas históricos propõem que a política deve ser olhada através do tempo. Desse modo, consideramos que uma eleição é um evento histórico, e em sua análise deve ser considerado o fator tempo, no caso, o processo eleitoral.

¹⁵ Sobre estratégias de comunicação, cf. Figueiredo (2008).

imagem de Márcio Lacerda, por exemplo – história política ou ausência de identificação com o prefeito.

É claro que parte do eleitorado constatou identificação entre Lacerda e Fernando Pimentel – prefeito à época. Contudo, o número de eleitores que verificaram e assimilaram a identificação não foi suficiente para levá-lo a vencer a eleição no primeiro turno. Além disso, consideramos a força do oponente e alguma proposta deste que supriu (ou obteve aceitação momentaneamente) a necessidade do eleitor.

Beto Richa (atual prefeito de Curitiba) e João da Costa (atual prefeito do Recife), como já exposto, foram eleitos no primeiro turno. Isso significa, considerando as quatro hipóteses/variáveis apresentadas, que parte do eleitorado – parte essa que foi suficiente para eleger esses candidatos no primeiro turno – confiou neles, desconsiderou os oponentes, e as ações da administração anterior suprimam as necessidades do eleitorado.

Ressaltamos que a força dos oponentes não foi suficiente para impedir a vitória dos candidatos. Além disso, a imagem de Beto Richa não sofreu desgaste durante seu primeiro mandato – a sua aprovação confirma essa nossa afirmação, 85% de bom/ótimo. No caso de João da Costa, sua imagem foi associada ao do então prefeito João Paulo. Este, por sua vez, tinha 64% de bom/ótimo. Portanto, existia identificação entre os candidatos, já que João da Costa, dentre outros fatores, foi eleito no primeiro turno¹⁶.

Luzianne Lins, apesar de uma aprovação menor do que 50%, foi eleita no primeiro turno. O que pode explicar a vitória de Luzianne Lins? Ressaltamos que uma campanha política corresponde a uma trajetória histórica.

Desse modo, durante o percurso eleitoral, temos a hipótese de que Luzianne anulou seus oponentes ao reconquistar a confiança do eleitorado – Evento 1. Ao reconstruir sua imagem – Evento 2; no caso, mostrando, por exemplo, aspectos positivos da sua administração e das suas características. Ao demonstrar que é capaz de atender aos desejos

¹⁶ Na segunda parte deste artigo, apresentaremos uma análise detalhada da vitória de João da Costa (PT).

do eleitorado ainda não atendidos – Evento 3. Ao mostrar que muitos dos desejos do eleitor estavam sendo, ou tinham sido, atendidos pela atual administração – Evento 4¹⁷.

Destacamos que os eventos podem ter ocorrido simultaneamente ou por etapas; e não necessariamente os eventos apontados surgiram conforme a seqüência apresentada. Repetimos os eventos para explicar e justificar também a reeleição de José Fogaça (Porto Alegre), Gilberto Kassab (São Paulo) e João Henrique (Salvador)¹⁸.

Em relação a Cesar Maia, não foi candidato à reeleição nem conseguiu eleger sua candidata, Solange Amaral (DEM). O que motivou isso? Consideramos, nesse caso, que a variável proposta por Almeida (2008) importou consideravelmente, isto é: boas administrações elegem candidatos. No caso, o prefeito do Rio de Janeiro, Cesar Maia, tinha 26% de índice bom e ótimo.

Esclarecemos que a reduzida avaliação positiva da administração de Cesar Maia anulou seu poder de influência sobre os eleitores. Ou seja: não adiantava Cesar Maia ter identificação com Solange Amaral, pois sua administração era mal avaliada. Nesse caso, a imagem do então prefeito do Rio de Janeiro interferiu negativamente na possibilidade da candidata do DEM ser competitiva. A fragilidade da administração de Cesar Maia fortaleceu seus oponentes. Por fim, considerável parte dos eleitores constatava que a administração de Cesar Maia não lhes trazia benefícios.

Como mostra o Quadro 2, diversas variáveis podem importar para eleger um candidato. A depender do evento eleitoral, elas atuam ou não conjuntamente. O importante, em uma análise pós-fato, é verificar/identificar as variáveis que explicam a vitória ou a derrota eleitoral de um candidato.

Já em uma análise antes do fim do processo eleitoral (ex facto), é necessário considerar as variáveis que podem nele influir. Enfim,

¹⁷ Em todo o percurso eleitoral, consideramos que a comunicação política importa consideravelmente.

¹⁸ Optamos por não realizar análises desses eventos eleitorais, pois acreditamos que a análise desenvolvida da campanha de Márcio Lacerda e a que será feita para a campanha de João da Costa são suficientes para atender aos objetivos deste artigo.

dependendo do contexto, diversas variáveis precisam ser apreciadas na explicação de uma dada conquista eleitoral. Observem que devem ser consideradas, também, com o intuito de facilitar a análise, os antônimos das variáveis, por exemplo variável administração bem avaliada versus administração mal avaliada¹⁹.

Com o objetivo de comprovar o raciocínio demonstrado, analisamos a seguir, a vitória do candidato João da Costa (PT) na eleição para prefeito do Recife em 2008. Pelos dados quantitativos, em um primeiro momento, e em seguida por meio de dados qualitativos, mostraremos que as variáveis apresentadas motivaram e explicam a vitória de João da Costa.

Quadro 2 – Variáveis explicativas dos eventos eleitorais

Variáveis	Fundamentação teórica	Explicação
Administração bem avaliada	Escolha racional	O eleitor constata benefícios advindos da administração atual.
Desconfiança do eleitor	Psicológica, sociológica e racional	O eleitor não se identifica com o candidato – valores, imagem, crença, confiança. E constata motivos para optar por outro candidato.
Fragilidade do candidato	Psicológica, sociológica e racional	O eleitor não se identifica com o candidato – valores, imagem, crença, confiança. E cria a expectativa de que poderá ser contemplado, de algum modo, pelo oponente caso este vença a eleição.
Força dos oponentes	Psicológica, sociológica e racional	O eleitor se identifica com o candidato oponente – valores, imagem, crença, confiança. E cria a expectativa de que poderá ser contemplado, de algum modo, pelo oponente caso este vença a eleição.
Desejo do eleitor não atendido	Escolha racional	O eleitor não se sente beneficiado de algum modo pela atual administração. Em razão disso, constata motivos para optar por outro candidato.

Fonte: Quadro construído pelos autores.

¹⁹ Existem candidatos que perdem a eleição, mesmo apoiados por administrações bem avaliadas? Esse questionamento deve ser considerado. Contudo, diante da ausência de dados empíricos, não temos condições de respondê-lo neste artigo. Devemos essa consideração ao estatístico Carlos Gadelha Júnior.

Outras variáveis também importam: a vitória de João da Costa (PT)

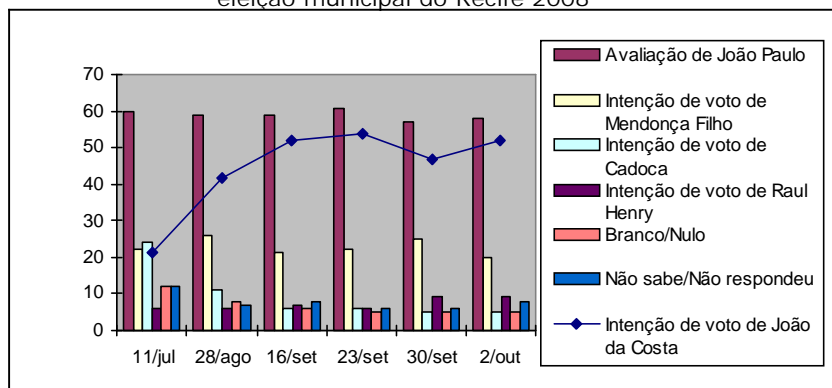
Boas administrações importam para eleger um candidato. Contudo, como já frisado, não podemos considerar essa variável como a única definidora absoluta de um resultado eleitoral. Outras variáveis importam. Com o objetivo de consolidar as afirmações realizadas na seção anterior, analisamos, especificamente, a campanha eleitoral do atual prefeito do Recife, João da Costa.

João da Costa esteve à frente da Secretaria de Orçamento Participativo durante os oito anos de mandato do prefeito João Paulo. Nesse período, João da Costa se reelegeu deputado estadual nas eleições de 2006 com 65.240 mil votos.

Desde 2006, o então prefeito João Paulo já sinalizava que desejava que João da Costa fosse seu candidato a prefeito do Recife. A decisão antecipada de João Paulo gerou atritos no PT, porque o ex-ministro da Saúde Humberto Costa (PT) e o deputado federal Maurício Rands (PT) desejavam ser candidatos. João Paulo, após superar diversas barreiras que impediam a candidatura de João da Costa, consegue fazê-lo candidato pelo PT.

João da Costa, mesmo com o apoio do prefeito João Paulo, o qual tinha uma administração, como já mostrado, bem avaliada, não liderava a disputa eleitoral, conforme a Figura 1.

Figura 1 – Gráfico representativo da intenção de voto na eleição municipal do Recife 2008



Fonte: Instituto Maurício de Nassau (2008).

DOSSIÊ PARTIDOS, ELEIÇÕES E PARTICIPAÇÃO

Em 11 de julho, João da Costa, em pesquisa realizada pelo Instituto Maurício de Nassau (IMN)²⁰, aparecia com 21% das intenções de voto. Seu principal adversário, reconhecido como favorito à época, Mendonça Filho (DEM), aparecia com 22%. Cadoca (PSC – Partido Social Cristão) tinha 24%. Considerando a margem de erro da pesquisa, de 3,5%, constatamos que naquele instante todos os candidatos estavam empatados.

Em 28 de agosto, o candidato do PT assume a liderança da disputa eleitoral. Em nova pesquisa do IMN, João da Costa obtém 41,8% dos votos. Mendonça Filho aparece com 25,9%. Cadoca com 10,7%, e Raul Henry com 5,5%. Observem que João da Costa praticamente dobrou sua intenção de voto, e a avaliação positiva do prefeito João Paulo se mantém estável.

João da Costa mantém sua ascensão. Em 23 de setembro, o IMN mostra João da Costa com 52% das intenções de voto. Mendonça e Cadoca decrescem, 21% e 6% respectivamente. Raul Henry cresce um ponto percentual, 7% – oscilação positiva dentro da margem de erro que é de 3,5%.

Em mais duas pesquisas realizadas no mês de setembro, os percentuais de João da Costa variaram entre 54% e 47%. Seus concorrentes também oscilaram. Contudo, em nenhum instante, como mostra a Figura 1, a dianteira de João da Costa foi ameaçada por algum candidato. Além disso, a avaliação positiva da administração do prefeito João Paulo continuou estável.

Na última pesquisa realizada pelo IMN, divulgada em 2 de outubro, João da Costa obtém 52,2% dos votos. Os percentuais dos demais candidatos são os seguintes: Mendonça Filho, 19,9% Raul Henry, 9,4%, e Cadoca, 5,3%. João da Costa venceu a eleição no primeiro turno com 51,54% dos votos válidos.

Os dados apresentados demonstram que a boa avaliação do prefeito João Paulo contribuiu para a vitória de João da Costa no

²⁰ Os percentuais dos candidatos que serão apresentados representam a votação estimulada, e não são os votos válidos. Não é assim que o resultado é apresentado nos pleitos, e, sim, apenas os votos válidos.

primeiro turno²¹. Contudo, devemos considerar as outras variáveis já sugeridas. Elas também contribuíram para a eleição do candidato do PT. Portanto, mais uma vez afirmamos: a variável administração bem avaliada importa para explicar a vitória de um candidato. No entanto, ela não é suficiente para explicar determinado evento eleitoral.

Consideramos que a eleição de João da Costa no primeiro turno não pode ser explicada apenas pela variável administração bem avaliada. As variáveis desconfiança do eleitor, fragilidade do candidato, força do oponente, e desejo do eleitor não atendido precisam também ser consideradas.

Em maio de 2008, o IMN realizou pesquisa qualitativa com o objetivo de construir possíveis cenários eleitorais para as eleições do Recife. Procurou-se verificar nessa pesquisa os seguintes aspectos: 1) imagem dos candidatos; 2) avaliação da administração do prefeito João Paulo; 3) importância/relevância do apoio do prefeito João Paulo à candidatura de João da Costa; 4) importância/relevância do apoio do senador Jarbas Vasconcelos aos candidatos Raul Henry e Mendonça Filho; 5) principais problemas da cidade do Recife.

Com o intuito de preservar a imagem dos candidatos avaliados, não vamos trazer à tona algumas informações, mas mostraremos dados que evidenciarão que outras variáveis importam na explicação da vitória de um candidato.

Constatamos na pesquisa qualitativa que a imagem dos prefeituráveis Mendonça Filho (DEM) e Raul Henry (PMDB) estava fortemente associada à do senador Jarbas Vasconcelos (PMDB). Constatação plausível, pois Mendonça Filho foi vice-governador quando Jarbas Vasconcelos era governador. Quanto a Raul Henry, foi secretário de Jarbas Vasconcelos à época em que este era prefeito do Recife e governador. Salienciamos que o eleitor não sabia afirmar quem era o candidato apoiado por Jarbas Vasconcelos: Mendonça Filho ou Raul Henry?

²¹ Rocha e Santos (2008) comprovam essa afirmação utilizando outras ferramentas estatísticas.

João da Costa era pouco conhecido, ao contrário de Cadoca, que era muito conhecido entre o eleitorado. Salientamos que a imagem de João da Costa era associada à de João Paulo no universo dos eleitores que afirmaram o conhecer.

João Paulo era admirado pelos entrevistados, principalmente por parte daqueles que integram os segmentos econômicos D, C e B. Existia forte admiração à administração e à pessoa de João Paulo nestes segmentos – prefeito bom para os pobres, ele se preocupa com a cidade²². Todos reconheciam João Paulo como um político com força eleitoral para eleger seu sucessor.

Diante desses resultados, constatamos à época, que João da Costa tinha condições de crescimento, porque a avaliação da administração do prefeito João Paulo obtinha forte admiração entre o eleitorado, independentemente da classe social. Nossa hipótese era de que, à medida que o eleitorado fosse associando João da Costa a João Paulo, o atual prefeito crescería nas pesquisas, e isso ocorreu (cf. Figura 1).

A pesquisa qualitativa do IMN revelou que João da Costa era pouco conhecido. Contudo, para os eleitores que o conheciam, ele era o candidato do prefeito bem avaliado. Nesse caso, parte do eleitorado já associava a imagem do candidato do PT à do prefeito. Isso ocorreu, é importante ressaltar, no momento em que o guia eleitoral ainda não tinha começado. Por conta disso, prevíamos que, quando a propaganda eleitoral fosse iniciada, o eleitor reconheceria e consolidaria a imagem de que João da Costa era o candidato do prefeito João Paulo – o prefeito bem avaliado.

Constatamos também que não estava havendo rejeição a João da Costa, ou seja: o admirador da administração de João Paulo, que conhecia João da Costa, não o rejeitava.

Os oponentes, em particular Cadoca e Mendonça Filho, demonstravam ter força eleitoral. Porém, constatamos na pesquisa que Cadoca não era reconhecido como gestor público. Além disso, os

²² Qualificações dadas pelos entrevistados ao prefeito João Paulo na pesquisa qualitativa.

entrevistados perguntavam se Cadoca era apoiado por alguém. Faltavam-lhe apoios políticos. Naquele momento, vislumbramos que, no decorrer da campanha eleitoral, Cadoca poderia ter dificuldade de se apresentar como um futuro gestor público.

Mendonça Filho tinha uma única identidade, qual seja: o candidato do senador Jarbas Vasconcelos. Apesar de ter sido governador, após a desincompatibilização de Jarbas Vasconcelos em 2006²³, os eleitores não o viam como gestor público.

Uma dúvida que a pesquisa qualitativa suscitou: quando a campanha começar, o eleitor irá reconhecer Mendonça Filho ou Raul Henry como o candidato de Jarbas Vasconcelos? Acreditávamos que essa nossa dúvida também seria a do eleitorado. Ressaltamos que a pesquisa detectou que o apoio do senador Jarbas Vasconcelos era importante para qualquer candidato.

Diante da análise das informações colhidas pela pesquisa qualitativa, concluímos que João da Costa tinha condições de vencer o pleito eleitoral, inclusive no primeiro turno, por conta das seguintes razões:

1. a administração do prefeito João Paulo era muito bem avaliada;
2. a imagem de João da Costa era associada à do prefeito João Paulo antes do guia eleitoral ser iniciado;
3. carecia de imagem de gestor público os oponentes de João da Costa. Em razão disso, o guia eleitoral dos candidatos teria um grande desafio: transformá-los em gestores públicos. Além disso, gestores públicos bem-sucedidos, visto que a administração do atual prefeito era bem avaliada. Frisamos que isso só era possível com Mendonça Filho, uma vez que Cadoca nunca exerceu cargo majoritário;
4. dificuldade de o eleitor entender quem era o candidato do senador Jarbas Vasconcelos – Raul Henry ou Mendonça filho?

²³ Jarbas Vasconcelos foi candidato ao Senado em 2006.

Em nossa avaliação, isso enfraquecia ambos os candidatos na disputa eleitoral.

Observem, portanto, que as variáveis sugeridas, que antes eram reconhecidas como hipóteses, foram detectadas na pesquisa qualitativa realizada. Os dados qualitativos nos revelaram que o eleitor não tinha desconfiança em relação a João da Costa, pois, dentre o universo de eleitores que o reconheciam e avaliavam positivamente a administração de João Paulo, ele não sofria rejeição. Ademais, a imagem de João da Costa era associada, também nesse universo, a João Paulo.

Em razão desses dois indicadores, considerando também que a administração de João Paulo era bem avaliada, constatamos que João da Costa era um candidato com potencial de crescimento. Por outro lado, os oponentes de João da Costa apresentavam fragilidades, já que não eram reconhecidos como gestores públicos, diante de um contexto em que a administração do então prefeito João Paulo era bem avaliada. Esse fato, certamente, dificultaria o crescimento dos candidatos da oposição – fraqueza dos oponentes.

Ressaltamos, porém, que a segurança pública era apresentada, independentemente do segmento econômico, como o principal problema do Recife. Além disso, e apesar da administração de João Paulo ser bem avaliada, o eleitor afirmava que a prefeitura poderia fazer algo para melhorar a segurança da população. Diante dessa constatação, suspeitávamos que o candidato que explorasse o tema segurança pública poderia dificultar a eleição de João da Costa e, talvez, vencer o pleito eleitoral²⁴.

Raul Henry fez isso. Durante a campanha eleitoral, e principalmente por meio da campanha eletrônica, o candidato do PMDB apresentou suas propostas para a segurança pública. Contudo, conforme a Figura 1 atesta, sua estratégia de campanha não surtiu efeito, ou seja, Henry não cresceu a ponto de ameaçar João da Costa nem Mendonça Filho²⁵.

²⁴ Nóbrega e Rocha (2008), por meio de dados quantitativos, mostram que a segurança pública era uma preocupação considerável dos eleitores do Recife nas eleições de 2008.

²⁵ Raul Henry obteve 16,4% dos votos válidos.

Considerando a variável desejo do eleitor não atendido, constatamos que a estratégia de Raul Henry foi correta, mas não surtiu o efeito esperado/desejado²⁶.

A explicação de um evento eleitoral, por exemplo, a eleição de João da Costa, requer que as variáveis apresentadas sejam consideradas – mostramos isto. Observamos que todas elas importam para explicar a vitória do candidato do PT.

Por outro lado, vale ressaltar que, ao explicar a vitória do candidato X, por exemplo, em dado contexto político, constatamos que as variáveis administração bem avaliada e fraqueza dos oponentes são suficientes para explicar sua vitória.

Assim como a derrota do candidato Y pode ser explicada a partir das variáveis desejo do eleitor não atendido e administração mal avaliada. Concluimos, portanto, que, para explicar um evento eleitoral, nem sempre é necessária a presença de todas as variáveis. Contudo, ressaltamos novamente: a variável administração bem avaliada não é suficiente para explicar a vitória de um dado candidato. Outras variáveis também importam.

Conclusão

A lógica de Almeida (2008) é comprovada neste trabalho. Ela perdura. Concordamos com o autor: boas administrações elegem candidatos. Porém, no decorrer da análise dos eventos eleitorais ocorridos em sete capitais brasileiras, observamos que outras variáveis também importam. Em razão disso, afirmamos: boas administrações condicionam a reeleição ou a eleição de candidatos.

As análises iniciais realizadas, em particular a do pleito eleitoral da cidade de Belo Horizonte, trouxe uma problemática crucial: o que faz um candidato tendo como lastro uma administração bem avaliada ter consistência eleitoral para vencer em primeiro turno e outro não?

²⁶ Por que não surtiu o efeito esperado? Temos como hipótese que as variáveis boa administração, a imagem de João da Costa atrelada à de João Paulo interferiram consideravelmente na escolha do eleitor. Talvez pela comunicação política/mercadológica não adequada, ou seja, não entendida/absorvida pelo eleitor.

Esse problema nos mostra que a hipótese de Almeida (2008) importa, mas ela é uma condição para explicar o resultado de um evento eleitoral. Em razão disso, propusemos outras variáveis.

O resultado de Belo Horizonte mostrou que a variável boas administrações influencia no resultado do processo eleitoral, mas essa influência não é solitária. Esse raciocínio serve também para o pleito eleitoral do Recife.

João da Costa venceu a eleição porque a administração de João Paulo era bem avaliada (variável 1 – condicional - A), e em razão da fraqueza/fragilidade dos seus oponentes (variável 2 – causal - B)²⁷, entre outros fatores já mostrados. Nesse caso, a avaliação positiva da administração do então prefeito João Paulo condicionou a vitória de João da Costa, já que enfraqueceu seus oponentes.

Considerando a diversidade dos contextos eleitorais, a variável boas administrações é uma condição para a reeleição ou a vitória do candidato. Além disso, ela poderá condicionar a existência de outras variáveis, por exemplo, fraqueza dos oponentes. Se boa administração é uma variável condicional, outras variáveis influenciam no processo eleitoral.

Ressaltamos a importância da variável boa administração. Ela tem condições de explicar o resultado de um evento eleitoral e é uma condição necessária para a construção de cenários eleitorais.

Contudo, frisamos que a variável boas administrações ganha importância na análise de dado evento eleitoral quando outras variáveis são inclusas. Como explicar a vitória ou a derrota de um candidato da situação sem considerar a força ou a fraqueza do oponente? Portanto, a variável boas administrações deve ser reconhecida como uma variável condicional.

O institucionalismo histórico dá suporte teórico às variáveis sugeridas. Eventos eleitorais não são estáticos. O início e o término de um evento precisam ser encarados como um processo histórico/social. No decorrer do processo, é possível verificar se todas as variáveis

²⁷ A variável A condicionou a existência da variável B.

propostas estão presentes ou não. Ou melhor: se devem ou não ser consideradas.

Como bem mostra Figueiredo (1991), os indivíduos fazem escolhas. Por que os indivíduos optam pelo candidato A em vez de Y? Adquirimos condições de responder a essa indagação quando consideramos os aspectos psicológicos, sociológicos e racionais dos indivíduos.

Concordamos com Hall e Taylor (2003, p. 199): para explicar determinados fenômenos sociais por meio do institucionalismo histórico é importante considerar a visão de mundo, os valores e a racionalidade dos indivíduos. Desse modo, a explicação de eventos eleitorais requer a presença dos aspectos sugeridos por Figueiredo (1991). Eles podem ser utilizados de modo simultâneo ou não.

Concluimos que a variável boas administrações condiciona, inicialmente, a escolha dos indivíduos. Contudo, estes consideram, no decorrer do percurso eleitoral, outros fatores com o objetivo de tomar a decisão final quanto à sua escolha. É nesse percurso que outras variáveis surgem e contribuem para o resultado final do pleito eleitoral.

Adriano Oliveira é doutor em Ciência Política (UFPE). Coordenador de Pesquisas do Instituto Maurício de Nassau. Pesquisador do NICC/UFPE. Professor-convidado da Pós-Graduação em Ciência Política da UFPE. Professor da Faculdade Maurício de Nassau.
E-mail: adriano.oliveira@rec.mauriciodenassau.edu.br

Roberto Santos é bacharel em Ciências Sociais (UFPE). Supervisor de Pesquisas do Instituto Maurício de Nassau. Pesquisador do NICC/UFPE.
E-mail: roberto.santos@rec.mauriciodenassau.edu.br

Referências:

ALMEIDA, Alberto Carlos. A cabeça do eleitor: estratégia de campanha, pesquisa e vitória eleitoral. Rio de Janeiro: Record, 2008.

CARRARO, André et al. It is the economy, companheiro!: an empirical analysis of Lula's re-election based on municipal data. Economics Bulletin, Nashville, v. 29, n. 2, p. 977-992, mai. 2009.

DATAFOLHA. Eleições 2008. Datafolha Eleições, São Paulo, 4 out. 2008. Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/po/ver_po.php?session=751>. Acesso em: 18 maio 2009.

FIGUEIREDO, Marcus. A decisão do voto. São Paulo: Sumaré/Anpocs, 1991.

FIGUEIREDO, Rubens (Org). Marketing político em tempos modernos. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2008.

FLICK, Uwe. Introducción a la investigación cualitativa. 2 ed. Madrid: Morata, 2007.

FOLHA DE SÃO PAULO. Beto Richa é 1º em ranking de prefeitos; César Maia, o último. Folha de S. Paulo, São Paulo, 12 set. 2008. Brasil. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1209200832.htm>>. Acesso em: 14 mai. 2009.

HALL, Peter A.; TAYLOR, Rosemary C. R. As três versões do neo-institucionalismo. Revista Lua Nova, São Paulo, n. 58, p. 193-223, 2003.

HECKELMAN, Jac C. Determining Who Voted in Historical Elections: An Aggregated Logit Approach. Social Science Research, Winston-Salem, v. 26, n. 2, p. 121-134, jun. 1997.

INSTITUTO Maurício de Nassau. Pesquisas- Pesquisa eleitoral Recife da 1ª rodada (julho) a 6ª rodada (outubro) de 2008. Disponível em: <<http://www.institutomauriciodenassau.com.br/blog/relatorios/>>. Acesso em: 01 dez. 2009.

MARQUES, Rosa Maria et al. Discutindo o papel do Programa Bolsa Família na decisão das eleições presidenciais brasileiras de 2006. Revista de Economia Política, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 114-132, jan.-mar. 2009.

NÓBREGA JÚNIOR, José Maria; ROCHA, Enivaldo Carvalho da. Barômetro da Violência e da segurança na cidade do Recife. Política Hoje, Recife, v. Esp., p. 57-77, out. 2008.

PETERS, B. Guy. El nuevo institucionalismo: teoria institucional em ciência política. Tradução de Verônica Tirota. Barcelona: Gedisa, 2003

ROCHA, Enivaldo Carvalho da; SANTOS, Manoel Leonardo. Os determinantes do voto na eleição para prefeito do Recife em 2008. Política Hoje, Recife, v. Esp., p. 13-32, out. 2008.

DOSSIÊ PARTIDOS, ELEIÇÕES E PARTICIPAÇÃO

VAN EVERA, Stephen. Guide to methods for students of political science.
New York: Cornell University Press, 1997.

Texto recebido em 16/09/2009.
Aprovado em 19/11/2009.